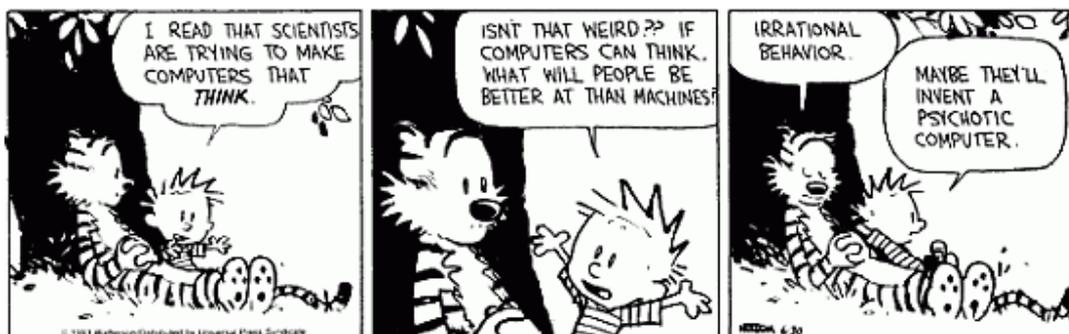


O Pensamento não é uma coisa à toa
Uma reflexão sobre a concepção de *mente* que subjaz à
Linguística Cognitiva Contemporânea.

Thais Fernandes Sampaio

RESUMO: Este artigo apresenta algumas reflexões a respeito da tríade pensamento-linguagem-realidade, com o objetivo de elucidar a agenda da Linguística Sociocognitiva. Nesse sentido, discutimos alguns de seus pressupostos básicos como o experiencialismo, o surgimento da linguagem como resultado de um processo contínuo e adaptativo e o poder figurativo da mente humana, em contraposição às idéias formalistas e cartesianas que dominaram os estudos lingüísticos ao longo do século XX.

Palavras-chave: Sociocognitivismo; Pensamento; Linguagem; Realidade.



Introdução

A tira humorística que inicia o presente artigo apresenta, de modo muito interessante, uma discussão que não é nova e que perpassa diversas áreas de conhecimento humano: *será, algum dia, o homem capaz de criar uma máquina capaz de pensar à sua imagem e semelhança?*

É possível que cada um de nós apresente uma certa inclinação pessoal para responder, de imediato, simplesmente sim ou não, quando interrogados sobre o assunto. E é bem provável também que os argumentos utilizados para defender uma ou outra posição alcancem os mais diversos domínios – desde crenças religiosas aos mais recentes avanços tecnológicos, passando por visões aterrorizantes de criaturas dominando seus criadores.

Devemos, entretanto, atentar para o fato de que a questão acima colocada é muito mais complexa do que possa parecer à primeira vista. Tal complexidade se deve, principalmente, ao fato de que, uma resposta afirmativa ou negativa a essa questão pressupõe uma reflexão acerca de temas que há muito tempo ocupam filósofos e, de modo geral, os grandes pensadores da

humanidade: *O que, de fato, diferencia o homem dos seres chamados irracionais? Qual a origem e o que é a razão humana? Como funciona a mente humana? O homem é, afinal, uma máquina biológica inteligente?*

O presente artigo não pretende apresentar uma resposta definitiva a qualquer dessas questões. De fato, o que pretendemos é discutir o tema do pensamento humano sob a perspectiva do cognitivismo contemporâneo, numa comparação com a abordagem tradicional do mesmo. Tal comparação pretende explicitar os pontos dissonantes entre duas maneiras de conceber a relação entre *pensamento, realidade e linguagem*. Assim, de um lado, temos a abordagem predominante durante todo século XX (cuja origem remonta à Antigüidade Clássica) e, de outro, uma proposta que começa a tomar forças no final daquele século e que se encontra em plena fase de construção teórica. Contudo, apesar da tenra idade, tal proposta já se apresenta como uma reação vigorosa e bem fundamentada aos pressupostos básicos que vêm orientando os estudos na área da linguagem e em outras áreas do conhecimento humano. Diante dessa dicotomia, Fauconnier e Turner (2002) vão nomear esses dois momentos, respectivamente, de *Era da Forma e Era da Imaginação*.

A Era da Forma é caracterizada por uma visão que vem sendo rotulada, de modo bastante simplificado, como *objetivismo*, correspondendo a um certo conjunto de doutrinas acerca da realidade, do pensamento e da linguagem. Em linhas gerais, tal abordagem concebe a realidade como algo que preexiste e independe dos seres humanos, possuindo uma estrutura completa, correta e única; a linguagem é entendida como um sistema fechado de símbolos que representa fiel e diretamente essa realidade externa e, finalmente, o pensamento consistiria na manipulação abstrata desses símbolos. Foi exatamente essa visão que alicerçou todas as abordagens formalistas da linguagem.

We will be calling the traditional view *objectivism* for the following reasons: Modern attempts to make it work assume that rational thought consists of the manipulation of abstract symbols and that these symbols get their meaning via a correspondence with the world, *objectively construed*, that is, independent of the understanding of any organism.¹

(Lakoff, 1987: xii)

¹ "Chamaremos a visão tradicional de *objetivismo* pelas seguintes razões: tentativas modernas de fazer com que isso funcione assumem que o pensamento racional consiste na manipulação de símbolos abstratos e que esses símbolos adquirem seus respectivos significados através de uma correspondência direta com o mundo, *objetivamente construído*, ou seja, independentemente da compreensão de qualquer organismo." (Trecho traduzido livremente por mim.)

Em oposição a tal perspectiva, George Lakoff (1987) apresenta o *experientialismo*, que vai propor uma nova maneira de compreender o pensamento – e, conseqüentemente, suas relações com a realidade e com a linguagem –, defendendo vigorosamente o papel crucial da experiência individual e coletiva. Com isso, os cognitivistas contemporâneos não vão negar a existência da realidade, mas vão afirmar que a maneira como essa realidade é percebida dependerá de nossa contingência biológica, cultural e social. Mais que isso, eles irão afirmar que será a partir dessa percepção da realidade que será estruturada a nossa concepção de mundo.

"On the experientialist view, reason is made possible by the body – that includes abstract and creative reason, as well as reasoning about concrete things. Human reason is not an instantiation of transcendental reason; it grows out of the nature of the organism and all that contributes to its individual and collective experience: its genetic inheritance, the nature of the environment it lives in, the way it functions in the environment, the nature of its social functioning, and the like."²

(Lakoff, 1987: xv)

Para analisarmos mais detalhadamente as diferenças epistemológicas e metafísicas que existem entre a Era da Forma e a Era da Imaginação – bem como as conseqüências dessas diferenças no tipo de análise lingüística que cada uma delas irá propor – analisemos mais detidamente alguns pontos considerados primordiais para a compreensão dessas dicotomias.

1. "Como avancei para o que já era? Como me conheci hoje o que me desconheci ontem?"³

Em relação à origem da cognição humana, a perspectiva cognitivista refuta a idéia de que um acontecimento espetacular e sem precedentes teria provocado uma espécie de mutação genética, criando, por exemplo, um módulo da linguagem. Nesse sentido, o surgimento singular e repentino de uma capacidade tão extraordinária como a linguagem teria sido conseqüência direta de um evento igualmente singular e repentino. De fato, sob o ponto de vista que caracteriza a Era da Imaginação, prevalece a idéia de que as habilidades cognitivas humanas são o resultado de um processo evolutivo contínuo e adaptativo.

² "Na visão experientialista, a razão se faz possível pelo corpo – incluindo o pensamento abstrato e criativo, assim como o raciocínio sobre coisas concretas. A razão humana não é uma instanciação da razão transcendental; ela nasce da natureza do organismo e de tudo que contribui para sua experiência individual e coletiva: sua herança genética, o ambiente em que vive, o modo como ele age nesse ambiente, a natureza de sua vida social etc." (Trecho traduzido livremente por mim.)

³ Fernando Pessoa, *O Livro do Desassossego*.

Em seu livro "As origens culturais do conhecimento humano" (2003), Michael Tomasello analisa a cognição humana sob o ponto de vista antropológico. Refazendo o caminho da evolução da espécie, o autor apresenta aquele que considera o enigma básico da evolução humana: seis milhões de anos – tempo que separa os seres humanos de outros grandes macacos – é insuficiente para que, através dos processos normais de evolução biológica, a espécie desenvolvesse todas as habilidades cognitivas que os homens modernos apresentam. Segundo Tomasello, a variação genética e a seleção natural não poderiam – em espaço tão curto de tempo – criar cada uma das habilidades cognitivas humanas, que permitiram aos homens inventar e conservar complexas formas de comunicação e representação simbólicas e complexas organizações e instituições sociais.

Diante desse enigma, Tomasello vai afirmar que a única maneira de justificar mudanças tão significativas, num espaço mínimo de tempo, seria o desenvolvimento de um mecanismo de transmissão social ou, principalmente, de transmissão cultural. Segundo o autor, esse tipo de mecanismo de transmissão cultural – exclusivo da espécie humana – torna-se possível quando, e somente quando, o indivíduo desenvolve uma nova forma de cognição social: a capacidade de compreender os seus co-específicos como "seres iguais a ele, com vidas mentais intencionais iguais às dele" (Tomasello, 2003, p. 7). Sob a perspectiva da análise proposta por Tomasello, essa nova forma de cognição social tem inúmeras e profundas implicações. Do ponto de vista de tempo histórico, ela vai possibilitar a transformação de coisas sociais em coisas culturais (sinal→ símbolos; coordenação→ cooperação; facilitação→instrução; ferramentas→ artefatos etc.). Já em relação ao tempo ontogenético, foi o que permitiu transformar habilidades de cognição primata e representação cognitiva em habilidades exclusivamente humanas de aprendizagem cultural e representação cognitiva em perspectiva. É importante ressaltar que essa nova forma de cognição social implica reconhecer que as ações do outro refletem a sua capacidade de fazer escolhas que, por sua vez, são frutos da representação mental de um objetivo específico, ou seja, são intencionais.

Como evidência da hipótese continuísta da cognição humana, Tomasello vai identificar uma base comum entre a cognição primata e a cognição humana:

Seres humanos são primatas. Eles têm os mesmos órgãos dos sentidos básicos, a mesma estrutura corporal básica e a mesma estrutura cerebral básica de todos os outros primatas.

Portanto, caso queiramos caracterizar as bases evolucionárias da cognição humana, temos que começar com os primatas em geral.

(Tomasello, 2003: 20)

Assim, Tomasello apresenta e discute diversos exemplos que sugerem uma continuidade entre primatas humanos e não-humanos, dentre as quais podemos destacar:

✚ muitos mamíferos e quase todos os primatas fazem representações cognitivas de relações categoriais e quantitativas entre objetos;

✚ pesquisas indicam que os mamíferos compreendem e representam cognitivamente espaços e objetos;

✚ os animais também vivem em grupos sociais e reconhecem relações hierárquicas e associativas entre seus co-específicos;

✚ os primatas, inclusive, são capazes de compreender relações sociais nas quais não estão diretamente envolvidos.

Após a análise desses e de outros inúmeros exemplos, a conclusão a que Tomasello chega é a de que "primatas não-humanos compreendem co-específicos como seres animados capazes de se moverem por si sós espontaneamente (...), mas não entendem os outros como agentes intencionais tentando atingir objetivos ou agentes mentais pensando sobre o mundo" (2003:28). E será exatamente nesse ponto que se apresentará a grande diferença entre primatas não-humanos e humanos.

Mesmo considerando essa proposta de Tomasello, os críticos à hipótese continuísta da evolução humana poderiam alegar que a habilidade de reconhecer seus co-específicos como agentes mentais e intencionais – já que isso representará um considerável avanço, em relação à cognição dos demais primatas – teria que ter sido consequência de um evento singular e repentino, provocando uma mudança na estrutura cerebral, o que, por sua vez, teria possibilitado o surgimento de tal habilidade.

Uma tentativa para resolver esse problema aparece em *The way we think* (2002). Nele, Fauconnier e Turner, ao tratarem da evolução da linguagem, vão usar argumentos bastante consistentes para defender a hipótese evolucionária continuísta. Primeiramente, os autores ressaltam que, segundo Darwin, a principal proeza da evolução seria a *mudança gradual* e que, desse modo, uma explicação adaptacionista seria obrigada a mostrar que cada passo evolutivo teria que ter sido *adaptativo*. Por isso, esses autores consideram mais interessante uma abordagem evolutiva que mostre continuidade entre as mudanças, ao invés daquelas que apontam singularidades espetaculares. Assim, para tratar a questão sob essa perspectiva, solucionando o

problema colocado acima, os autores propõem que deixemos de lado duas falácias: a do *isomorfismo entre causa e efeito* e a do *isomorfismo entre função e órgão*.

A primeira falácia seria aquela que nos faz crer que uma descontinuidade no efeito só pode ter vindo de uma descontinuidade na causa. Assim, o repentino surgimento da linguagem, por exemplo, deveria estar ligado a um extraordinário evento neural. Para corroborar seus argumentos, os autores utilizam vários exemplos interessantes, dentre eles o seguinte: imaginemos um copo que recebe água gota a gota; chegará um momento em que uma gota (exatamente igual a todas as outras que a precederam) vai provocar um derramamento, não só dessa última gota colocada, mas de uma quantidade de água consideravelmente superior a ela mesma. Através de vários exemplos como esse, os autores procuram mostrar que a ***singularidade provocada pela continuidade*** é um acontecimento normal na natureza.

A segunda falácia seria aquela que sugere que o desenvolvimento de uma nova função orgânica pressupõe o surgimento de um novo órgão especializado naquela função. Tal falácia estaria na origem de idéias como a de que "porque as pessoas falam com a língua, a língua foi feita para falar". Contudo, segundo Fauconnier e Turner, as pesquisas no campo da biologia comprovam que, à medida que um órgão evolui, ele pode adquirir novas funções ou perder antigas (ou ambas as coisas). Com isso, os autores afirmam que as funções podem representar singularidades, ao mesmo tempo em que a evolução do órgão pode ter sido contínua.

Eliminando essas duas falácias, torna-se possível supor que as extraordinárias habilidades cognitivas humanas podem ter perfeitamente se originado de um processo evolutivo contínuo e adaptativo de vários milhões de anos.

2. ***"O corpo não traslada, mas muito sabe; adivinha se não entende."***⁴

A história do conhecimento humano é marcada por grandes dicotomias como mente vs. corpo, razão vs. emoção, objetivismo vs. subjetivismo, realidade vs. imaginação, competência vs. desempenho, concepção vs. percepção. Por isso, é interessante notar que a Era da Forma voltou todas as suas atenções para um dos itens de cada um desses pares, a saber: mente, razão, objetivismo, realidade, competência, concepção. Entretanto, o grande problema da Era da Forma não parece ter sido o fato de eleger alguns itens como foco de interesse, mas o fato de

⁴ Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*.

simplesmente desconsiderar cada uma das suas contrapartes. O resultado disso foi uma abordagem epistemológica desprovida de "humanidade", no sentido em que foram desprezadas importantes características específicas à natureza humana: *corpo, emoção, subjetivismo, imaginação, desempenho, percepção*.

De fato, a Era da Imaginação pretende resgatar todos esses aspectos da natureza humana, relegados a segundo plano ou simplesmente considerados irrelevantes para as discussões teóricas propostas e para o desenvolvimento das Ciências (Humanas, Sociais, e até mesmo as Exatas), de modo geral. No entanto, ao pregar o retorno e a valorização de noções como corpo, emoção, subjetivismo, imaginação, desempenho e percepção, o cognitivismo contemporâneo sabe que não pode abandonar ou subjugar as contrapartes de cada uma delas, sob o risco de cometer o mesmo erro da Era anterior. Desse modo, busca-se o equilíbrio, com uma teoria que entenda o homem e suas relações completa e complexamente, na medida em que busca uma integração de todas as características que fazem o homem ser o que ele é.

A Era da Forma concebia o pensamento e a razão como algo situado além da realidade física das coisas, ou seja, algo transcendental. Nesse sentido, pensamento e razão seriam universais, na medida em que não sofreriam influência do meio físico, cultural ou social. Assim, a razão emanaria de si mesma, prescindindo dos dados oferecidos pela experiência. Em contrapartida, a Era da Imaginação concebe o pensamento e a razão como sendo estruturados a partir das experiências sensorio-motoras e sócio-culturais humanas. Nessa perspectiva, as bases que estruturam pensamento e razão são fortemente influenciadas por experiências particulares dos indivíduos.

Como consequência dessa visão transcendental, na Era da forma, o pensamento é *desencarnado*, no sentido de que o modo como percebemos fisicamente o mundo não interfere no modo como o concebemos. Por outro lado, o que a Era da Imaginação propõe é que as nossas experiências físico-sociais sistemáticas vão fazer emergir conceitos que vão contribuir para que entendamos o mundo de uma forma e não de outra. Sob essa perspectiva, o modo como *percebemos* a realidade dependerá do nosso aparato biológico, cultural e social. Além disso, os efeitos dessa percepção terão grande influência na nossa maneira de *conceber* o mundo e de raciocinar acerca dos elementos que o compõem e dos eventos que nele ocorrem. É o que António Damásio entende como *fazer a mente surgir de um organismo e não de um cérebro sem corpo*:

Não estou afirmando que a mente se encontra no corpo. Mas que o corpo contribui para o cérebro com mais do que a manutenção da vida e com mais do que efeitos modulatórios. Contribui com um *conteúdo* essencial para o funcionamento da mente normal.

(Damásio, 2001: 257)

De fato, a Era da Forma se desenvolveu sob forte influência de uma idéia que pode ser resumida na famosa afirmação de Descartes "*Penso, logo existo*". Como bem analisa Damásio, essa afirmação sugere que pensar e ter consciência de pensar seriam as verdadeiras essências da existência humana. Tal afirmação celebra, ainda, a separação absoluta entre corpo e mente. Segundo Descartes, a *alma* por meio da qual somos o que somos, distingue-se completamente do corpo que possuímos. Os cognitivistas da Era da Imaginação contrapõem-se radicalmente à separação das operações mais refinadas da mente, para um lado, e da estrutura e funcionamento do organismo biológico, para o outro. Assim, os cognitivistas contemporâneos, além de buscar redimensionar a relação corpo/mente – principalmente através da valorização da experiência –, também procuram promover a integração de biologia, cultura, racionalidade, imaginação e *emoção*. Nesse sentido, o *erro de Descartes*, ao considerar a razão como essência da existência humana, descartando a influência direta e crucial das percepções e das emoções humanas, foi também o erro que marcou toda a Era da Forma.

3. "*Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos.*"⁵

Como já pudemos começar a vislumbrar, as concepções de mente da Era da Forma e da Era da Imaginação apresentam distinções definitivas e profundas. De um lado, temos um pensamento transcendental, desencarnado, modular, essencialmente literal, proposicional, previsível e majoritariamente *consciente*. Do outro, temos o pensamento concebido como algo não-transcendental, encarnado, não-modular, largamente metafórico, imaginativo e majoritariamente *inconsciente*.

Durante a Era da Forma, prevaleceu a hipótese da modularidade da mente e, sob essa perspectiva, seria correto falar, por exemplo, num *módulo da linguagem*. Chomsky (1998), inclusive, acreditava ser razoável considerar a faculdade da linguagem como um órgão da

linguagem. Tal órgão seria um subsistema de uma estrutura mais complexa; sendo cada subsistema o responsável por uma determinada capacidade cognitiva. Em contrapartida, a corrente cognitivista da Era da Imaginação concebe a cognição humana como um conjunto de modos ou sistemas que trabalham integradamente. Assim, a linguagem é um modo da cognição, mas não um modo autônomo, que funcione independentemente das outras capacidades cognitivas humanas.

Tendo em vista que, para os representantes da Era da Forma, o pensamento era a manipulação abstrata de símbolos, este era também considerado atomístico, na medida em que podia ser dividido em partes menores e mais simples (os símbolos). Nesse sentido, *pensar* consistia em combinar símbolos simples, de modo complexo, através de regras lógicas. Além disso, todo esse processo era realizado quase totalmente de forma consciente. Já para os cognitivistas contemporâneos, o pensamento implica propriedades *gestálticas* e não atomísticas e, nesse sentido, o todo é cognitivamente mais simples do que as partes. Nessa visão, os conceitos não são o reflexo direto da realidade, mas são construídos a partir da experiência (sensório-motora e físico-cultural). Além disso, o processo de conceituação envolve a metáfora, a metonímia e a imaginação, em geral. Com isso, *pensar* vai muito além de combinar complexamente símbolos simples e a maior parte dos processos mentais ocorreria inconscientemente. Nessa perspectiva, mesmo as atividades mentais mais básicas e mais relevantes não aconteceriam, necessariamente, de forma consciente. Assim, alguns conceitos são usados de modo automático e inconsciente, ou seja, eles não são compreendidos intelectualmente.

To study mind, we must become comfortable with the fact that mind generally does not work the way it appears to. This sounds paradoxical. We expect our introspective sense of mind to serve as a reasonable guide to the actual nature of mind. (...) Consciousness is a wonderful instrument for helping us to focus, to make certain kinds of decisions and discriminations, and to create certain kinds of memories, but it is a liar about mind. It shamelessly represents itself as comprehensive and all-governing, when in fact the real work is often done elsewhere, in ways too fast and too smart and too effective for slow, stupid, unreliable consciousness to do more than glimpse, dream of, and envy.⁶

⁵ Fernando Pessoa, *O Livro do Desassossego*.

⁶ "Para estudar a mente, precisamos estar confortáveis com o fato de que a mente normalmente não funciona do modo como parece funcionar. Isso soa paradoxal. Temos a expectativa de que a nossa sensibilidade introspectiva da mente sirva como um guia razoável para a real natureza da mesma. (...) A consciência é um instrumento maravilhoso para ajudar-nos a focar, a tomar certas decisões, a fazer certas discriminações e a criar determinados tipos de memória, mas ela mente a respeito da mente. Despudoradamente, ela se apresenta como algo que tem grande alcance e tudo governa, quando, de fato, o verdadeiro trabalho é freqüentemente feito em outro lugar, de um modo tão

4. *"Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada."*⁷

Contrariando a idéia de que o pensamento é essencialmente literal, proposicional e previsível, a Era da Imaginação propõe que nossas conceituações básicas da experiência são majoritariamente figuradas e determinam nossa maneira de pensar criativamente e de expressar nossas idéias. Com isso, os cognitivistas contemporâneos vão propor os três I's da cognição humana: *identidade*, *integração* e *imaginação*. A *identidade* é a capacidade de construir referências e ela só é possível porque a nossa mente faz a *integração* de domínios, através da *imaginação*. A abordagem formalista considerava como dadas essas operações, mas o que Fauconnier e Turner (2002) vão afirmar é que essas operações são misteriosas, poderosas, complexas e, principalmente, inconscientes. Para eles, estas operações estão na base da construção da significação e até as formas mais simples dependem dessas operações complexas e dinâmicas da mente imaginativa.

A passagem que inicia esta seção ilustra uma das inúmeras metáforas usadas na literatura de Guimarães Rosa e, embora esse exemplo tenha sido retirado de um texto literário, a metáfora VIDA é TRAVESSIA (ou VIDA é VIAGEM) faz parte do nosso cotidiano, da nossa cultura, do nosso modo de ver – e viver – a vida. Quando utilizamos esse tipo de expressão lingüística, não estamos simplesmente fazendo um empréstimo vocabular, ou seja, utilizando o vocabulário específico de um campo de experiência em um outro campo completamente diferente. Esse uso também não é puramente estético; não o fazemos apenas para tornar a nossa fala mais atraente. Na verdade, falamos dessa forma porque pensamos e agimos em relação à vida como se ela fosse uma longa travessia, composta de mini-viagens com pontos de partida e pontos de chegada.

No livro *Metáforas da vida cotidiana*, George Lakoff e Mark Johnson (2002), através da análise de expressões lingüísticas, identificam um sistema conceptual metafórico, que subjaz à linguagem e que influencia nossos pensamentos e nossas ações. Aliás, Lakoff e Johnson procuram exatamente mostrar que a metáfora não é apenas uma questão de linguagem. Segundo esses autores, o sistema conceptual que estrutura nossos pensamentos e ações é essencialmente

rápido, tão inteligente e tão efetivo que a vagarosa, estúpida e duvidosa consciência não pode fazer mais que vislumbrar, sonhar a respeito e invejar." (Trecho traduzido livremente por mim.)

metafórico; o que sugere que o modo como pensamos, o modo como percebemos as coisas, como nos comportamos e como nos relacionamos com as pessoas e as coisas do mundo também possui uma essência metafórica.

Segundo Lakoff, a metáfora conceptual consiste na compreensão de um domínio de experiência em termos de um domínio diferente. Nesse sentido, a metáfora pode ser vista como um mapeamento, sistematicamente estruturado, de um domínio de origem (no nosso exemplo, *a travessia*) a um domínio alvo (no nosso exemplo, *a vida*). Assim, o que caracteriza a metáfora conceptual não é o uso de uma ou outra expressão lingüística, mas as correspondências mentais que são feitas entre domínios de experiências diferentes.

Tradicionalmente a linguagem figurada é considerada a linguagem tipicamente poética; característica que serve, inclusive, de diferenciação básica entre a linguagem cotidiana e a linguagem literária. Entretanto, alguns trabalhos, como o de Lakoff e Johnson (2002), mostram que a linguagem cotidiana é fortemente metafórica. Isso acontece exatamente porque a metáfora não está na linguagem, no discurso propriamente dito, mas num sistema conceptual interno, que está na origem comum de todo e qualquer *tipo* de linguagem. Seguindo a mesma linha, Raymond Gibbs (1994) acredita que há evidências empíricas de que a cognição humana é formada por processos figurados. Para ele, nossas conceituações básicas da experiência são majoritariamente figuradas e determinam nossa maneira de pensar criativamente e de expressar nossas idéias, seja no discurso cotidiano ou no literário. Desse modo, a metáfora pode ser compreendida como um aparato cognitivo, que influencia nossa maneira de falar, ver, entender e agir de um determinado jeito e não de outro.

5. “*Para mim, pensar é viver e sentir não é mais que o alimento do pensar.*”⁸

Após analisarmos duas abordagens conflitantes acerca da concepção da mente humana, podemos voltar à questão que motivou o presente artigo: *será, algum dia, o homem capaz de criar uma máquina capaz de pensar à sua imagem e semelhança?*

Como vimos, o desenvolvimento científico do século XX foi marcado pela idéia de que o pensamento consistia em representações simbólicas do mundo e que a mente seria um sistema computacional governado por regras lógicas. Vimos, também, as limitações dessas idéias e a

⁷ Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*.

gama de aspectos da cognição humana que tal perspectiva simplesmente excluiu de suas bases epistemológicas. Seria uma imprudência, contudo, desconsiderar os avanços científicos possibilitados exatamente por essa hipótese de funcionamento da mente humana. Atualmente, possuímos computadores atuando nas mais diversas áreas de atividades humanas e desempenhando tarefas – muitas vezes perigosas ou demasiadamente precisas –, com extrema eficiência e rigor. Desse modo, a questão que se coloca é: esses computadores podem ser considerados inteligentes?

Creemos que a resposta a essa pergunta dependerá do conceito de inteligência assumido. Se considerarmos que a inteligência consiste em executar inferências lógicas a partir de inferências genéricas dadas, qualquer computador pode ser considerado inteligente. Por outro lado, se considerarmos que um sistema inteligente não é aquele que consegue seguir as regras estipuladas, mas sim aquele que consegue descobrir as regras por si próprio, a questão se tornará consideravelmente mais complicada.

Na realidade, muitas máquinas existentes podem ser consideradas inteligentes, na medida em que, na maioria das vezes, realizam com precisão as tarefas para as quais são desenvolvidas. Entretanto, também são muitas as limitações nas quais elas – e seus idealizadores – esbarram, principalmente quando o êxito dessas empreitadas envolve questões de percepção (que, como vimos, são essenciais para a configuração do pensamento humano):

Mas se há algo que realmente parece estar despontando como promissor no futuro é a compreensão de que inteligência é uma habilidade que requer contato sensorial íntimo e intenso com o mundo. Organismos inteligentes têm uma especial atenção ao nível perceptual, aquele nível que consegue, por exemplo, discriminar uma maçã de um tomate. Inteligência requer, também, o equivalente a um “corpo físico” que permita ao agente explorar suas circunvizinhanças e assim obter uma oportunidade de *interação* (Clark, 1997). Boa parte daquilo que um sistema pode conhecer provém justamente da qualidade dessa interação.

(Navega, 2001)

Nesse sentido, nos parece inócua uma discussão a respeito da possibilidade de que o homem consiga criar máquinas capazes de pensar como nós pensamos, se essa discussão partir do princípio – equivocado – de que já somos capazes de compreender o funcionamento da nossa mente ou de que qualquer um dos modelos atualmente disponíveis represente, mesmo que em linhas gerais, os processamentos mentais que estão por trás das atividades humanas mais simples.

⁸ Fernando Pessoa, *O Livro do Desassossego*.

De fato, o grande *mérito* do Cognitivismo Contemporâneo parece estar no fato deste reconhecer oficialmente que *nós não pensamos do modo como pensamos que pensamos*. Essa constatação aparentemente simples tem inúmeras conseqüências e vai justificar a mudança de perspectiva que a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem vai propor. Na medida em que concebemos o pensamento humano como um sistema conceptual encarnado, determinado por fatores emocionais, majoritariamente inconsciente e largamente metafórico e imaginativo, a análise da linguagem – como sendo um dos frutos desse sistema – torna-se uma rica fonte de *pistas* sobre o funcionamento desse sistema. É nesse sentido que a Lingüística Cognitiva Contemporânea prega a insuficiência do significante, buscando uma maneira de tratar a forma, sem ser formalista.

Finalmente, como alertamos no início do artigo, não tínhamos a pretensão de apresentar qualquer resposta definitiva às questões que foram aqui colocadas. Pretendíamos, simplesmente, apresentar alguns dos pressupostos teóricos que estão por trás, ou melhor, que estão na base – e que, portanto, sustentam – a proposta de análise lingüística que vem sendo defendida (e construída) pelos adeptos da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem. Como pudemos vislumbrar, tal hipótese não representa apenas uma nova forma de *fazer lingüística*, mas uma nova forma de conceber a complexa relação entre realidade, linguagem e pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

DAMÁSIO, Antonio. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark **The way we think. Conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

MARTINS, Helena. **Fundamentos da Linguística Cognitiva 1. Experiencialismo**.

MIGUENS, Sofia. **Alguns Problemas de Filosofia de IA**. Disponível em:
<<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/ia.htm>> . Acesso em ago. 2005.

MIRANDA, N. Salim. O caráter partilhado da construção da significação. **Veredas**. EDUFJF. Juiz de Fora, v. 5, n.1, p. 57 a 81.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Veredas**. EDUFJF. Juiz de Fora, v. 6, n.1, p. 153 a 161. Disponível em:
<mestradoletras.ufjf.br>. Acesso em 13 ago. 2005.

NARDI, Maria Isabel Asperti. Gibbs, Raymond W, Jr. (1994) The poetics of mind: figurative thought, language and understanding. **DELTA**. [online]. Aug.1997,vol.13,no.2, p.341-350. Disponível em:
<<http://www.scielo.br>>. Acesso em 13 ago. 2005.

NAVEGA, Sérgio. **Inteligência Artificial: Presente, Passado e Futuro**. Disponível em:
< <http://www.intelliwise.com/snavega>> Acesso em set. 2005.

PESSOA, Fernando. **O Livro do Desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SALOMÃO, M. M. Martins. Gramática e interação: o enquadramento programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. **Veredas**. Juiz de Fora: v.1, n.1, p. 24 a 39. Jul/dez.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____; CARPENTER, M.; CALL, J.; BEHNE, T.; MOLL, H. **Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition**. Disponível em:
<http://email.eva.mpg.de/~tomas/pdf/tomasello_et_al2004.pdf> . Acesso em set. 2005.

TURNER, Mark. **The Literary Mind**. New York: Oxford University Press, 1996.